

NO ALTAR DA VIDA APRESSADA¹

EN EL ALTAR DE LA VIDA DE PRISA

SUR L'AUTEL DE LA VIE PRESSÉE

Jorge Olímpio Bento ²

Manuscrito recebido em: 11 de abril de 2023.

Aprovado em: 25 de junho de 2023.

Publicado em: 06 de julho de 2023.

Resumo

Este ensaio parte da posição de que a humanidade se encontra numa era de regressão civilizacional. Para ilustrar a situação seve-se da novilíngua em curso e dos termos que lhe são caros: competitividade, produtivismo, rankings, sucesso, etc. Isto induz um estilo de vida apressada, marcada por aceleração, hiperagitação e hiperexcitação. A depressão e a exaustão são evidentes, tal como a doença das instituições de formação e educação, incumbidas de difundir os princípios e valores orientadores da comunidade e sociedade. Como saída deste labirinto é proposto um passo em frente, visando instituir o ócio criativo como pilar axial da civilização.

Plavras-chaves: Aceleração; Hiperagitação; Competitividade; Produtivismo; Ócio Criativo.

Resumen

Este ensayo parte de la observación de que la humanidad se encuentra en una era de regresión civilizatoria. Para ilustrar esta situación, se apoya en el nuevo lenguaje en curso y en los términos que le son queridos: competitividad, productivismo, rankings, éxito, etc. Esto induce un estilo de vida apresurado marcado por aceleración, hiperagitación e hiperexcitación. Se evidencia la depresión y el agotamiento, así como el malestar de las instituciones formativas y educativas, encargadas de difundir los principios y valores que guían a la comunidad y la sociedad. Como salida de este laberinto, se propone un paso adelante, con el objetivo de establecer el ocio creativo como pilar axial de la civilización.

Palabras Clave: Aceleración; Hiperagitación; Competitividad; Productivismo; Ociosidad creativa.

Résumé

Cet essai part du constat que l'humanité se trouve dans une ère de régression de civilisation. Pour illustrer cette situation, il s'appuie sur le nouveau langage en cours et les termes qui lui sont chers :

¹ Este ensaio foi publicado parcial e originalmente como prefácio no livro “Lazer e Meio Ambiente: pesquisa, extensão e práticas pedagógicas” (2019), organizado por Marcial Cotes, Fábio Santana Nunes e Ricardo Franklin de Freitas Mussi com o título “Obra estimulante de uma renovação urgente”. Nesta nova redação foram elaborados ajustes e novas reflexões adicionadas.

² Doutor em Pedagogia (área de Ciências do Esporte) pela Universität Greifswald/Alemanha. Professor Catedrático Jubilado da Universidade do Porto.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7638-6558> Contato: jbento@fade.up.pt

compétitivité, productivisme, classements, succès, etc. Cela induit un mode de vie précipité marqué par l'accélération, l'hyperagitation et l'hyperexcitation. La dépression et l'épuisement sont évidents, tout comme le malaise des institutions de formation et d'éducation, chargées de diffuser les principes et les valeurs qui guident la communauté et de la société. Comme issue de ce labyrinthe, un pas en avant est proposé, visant à instituer le loisir créatif comme pilier axial de la civilisation.

Mots-clés: Accélération; Hyperagitation; Compétitivité; Productivisme; Oisiveté créative.

Se um homem quiser ocupar-se incessantemente com coisas sérias e não se abandonar, de vez em quando, ao divertimento, fica, sem o perceber, louco ou idiota.
Heródoto, 485-425 a.C.

A guerra deve ser em vista da paz, a atividade em vista do ócio, as coisas necessárias e úteis em vista das coisas boas. É verdade que é preciso desempenhar uma atividade e combater, assim como fazer as coisas necessárias e úteis, mas muito mais importante é estar em paz e em ócio e fazer coisas belas.
Aristóteles, 384-322 a.C.

Esclarecimento prévio

A solicitação para redigir este ensaio apanhou-me numa altura de intensa ocupação. Mas não consegui furtar-me à obrigação de proceder a uma reflexão acerca da encruzilhada em que nos encontramos: ou damos um passo em frente para modificar o panorama existencial ou persistimos no caminho da regressão civilizacional; ou aceitamos ou recusamos o desafio de aderir à causa da renovação do modo de ser e estar na cadeia da vida, de entender a responsabilidade e o papel que nos cumpre desempenhar e assumir. Não se trata de exagero: é dramática a situação em que se encontra a Humanidade. O desiderato de uma Pólis mais humana e de um mundo melhor convoca-nos a todos para um agir condizente.

Nesta conformidade não esperem de mim uma explanação desenvolta e enxuta sobre um assunto bem percebido e definido. Vou exarar algumas inquietudes, contando com a boa vontade do leitor para lhes dar o seguimento de que carecem, isto é, para também se inquietar, para estranhar e questionar o atual contexto existencial.

Extraterrestre de mim mesmo!

Em nome da franqueza e lealdade, aviso que sou um crítico ácido e contumaz. As minhas formulações, parafraseando Vinicius de Moraes, exalam mau hálito. Por isso, o leitor vai ter que me aturar. Queria mudar de registo; estou cansado de anotar observações sobre os factos. Muita gente passa por eles e desvia o olhar; não consigo resistir à tentação de aguçar o meu e de relatar o encoberto. Provavelmente, os amigos também estão fartos do que teimo em escrever. Dava-me, pois, jeito que a pequena glândula da consciência adormecesse e deixasse de funcionar. Talvez a inquietude interrogativa se ausentasse das palavras e reações. Mas não me corre água nas veias, nem tal chapéu vai bem à minha cabeça. Não há nada a fazer.

Acresce que não sei quantos anos vou viver. Por isso não me posso consentir o luxo de os deixar passar, esperando que os meus julgamentos fiquem macios, como sucede com o vinho. Tenho imperiosamente que tomar posição e dar testemunho aqui e agora. Ademais, o espírito livre é feito de tecido áspero e intransigente para com o normativo vigente.

Obviamente, falo e escrevo a partir da couraça que me envolve: embora aposentado, continuo a ser professor universitário; não sei despir esta roupa conatural. Sempre que ouço e leio discursos e textos oficiais sobre a universidade hodierna, fico estarecido com o léxico que enche bocas e páginas, e deixa vazia a alma. É dose para cavalo! Não aguento tanto *empreendedorismo*, *coaching* e *marketing*, tantas *'startups'*, *'spin offs'* e oportunidades de negócio, tantos consórcios e redes, tanto arroteio de números, tanta *competitividade* e veneração do mercado, tanta contabilização de *papers* e adoração de *rankings*, tanta bazófia e prosápia, tanto foguete e tanta festa de celebração da rendição ao fanatismo neoliberal. E nenhum compromisso com a Humanidade, nem sequer uma frase minúscula acerca da grave doença institucional da decadência intelectual e do apagamento da missão de formar pessoas de verdade, autenticamente humanas!

Não, não quero engrossar a lista da insinceridade e vacuidade. Não quero que me falte nada da integridade que devia ter, ciente do quanto me falta. Sinto-me extraterrestre de mim mesmo. Vivo em crise de identidade; expio a respetiva culpa. Porém recuso-me a fechar os olhos ao entorno.

Exame das circunstâncias

A civilização começou quando os nossos primevos foram capazes de pôr cobro à dura e exigente luta pela sobrevivência, à disputa do terreno de caça e coleta de alimentos, ao combate fratricida e mortal que as circunstâncias de antanho impunham aos humanos. Então a vida decorria sob o império da necessidade, da competitividade e ferocidade extremas, sem espaço para a liberdade de escolha e para a ocupação com coisas que levassem acima da coisificação. Pouco a pouco, instituem-se formas rudimentares de fuga à realidade e de cooperação, que rompem com o quadro opressivo e selvático e inauguram o advento civilizacional. Surgem aí as primeiras interrogações suscitadas pela curiosidade de conhecer as origens e o funcionamento do universo, bem como pela vontade de superar a morte e formular preceitos doadores de sentido à vida.

Esta evocação ou digressão ficcional, embora seja breve e simples, é bastante para nos intimar a adotar uma atitude metafísica e indagativa. Como se apresenta o espírito do nosso tempo? Em comparação com eras recentes, onde nos encontramos hoje? Estamos em avanço ou em regressão civilizacional? Temos noção da cama em que nos deitamos? Peço ao leitor que procure respostas para estas perguntas. A minha resposta é, mais ou menos, a que vou expor.

Se a quantidade do tempo livre e a qualidade do seu preenchimento são indicadores fiáveis do desenvolvimento de uma civilização e de um povo, é curial concluir que pertencemos a uma das eras mais miseráveis, retrógradas e subdesenvolvidas de todos os tempos. Somos selvagens.

Porquê? Porque trabalhamos desalmadamente e imolamos a existência ao trabalho, no altar deste deus e fim. Delapidamos a vida na exploração da natureza extrínseca e da intrínseca, do ambiente natural e do habitat corporal. E a alma? Cuidamos tão pouco dela que está reduzida a uma forma mirrada e penada.

Olhemos em redor. Cresce exponencialmente o número dos exaustos e sufocados, dos abandonados e atirados para fora do caminho, das vidas desperdiçadas e sacrificadas. São manifestos o cansaço e o desabar da sociedade. Gastamos a existência numa corrida

desabalada e numa aceleração constante. E, por mais que estuemos a passada, nunca nos abeiramos do essencial, nem absorvemos o aroma do tempo. Para saborear este, requer-se um andar lento. Não fazemos paragens para desfrutar e sopesar o processo da caminhada, chegamos sempre atrasados à meta ambicionada, levamos às costas a canga e aspereza do arame farpado e do campo de concentração, aceites por nós, pela nossa cumplicidade e conivência com uma ordem laboral e vital, tecida de mistificações e onzenas. Arrastamo-nos, sobrepujados e vergados pelo jugo da hiperagitação.³

Este diagnóstico não deriva apenas da análise filosófica do ambiente existencial. Resulta igualmente do exame da condição biológica na atualidade. As graves doenças que, não obstante o progresso da medicina e das ciências afins, teimam em nos atormentar, são mais um dos frutos das circunstâncias.

Para agravar o quadro, a inquietude não é hodiernamente uma qualidade devidamente valorizada. A verdade é que ela nunca foi regra comum nem muito apreciada no mundo secular. Nesta época, que tanto dela carece, não constitui alvo preferencial da educação escolar e da formação universitária. Ao invés, os inquietos e indagativos são, muitas vezes, execrados ou, no mínimo, postos à margem. A condenação do pensamento à cadeia e à fogueira não é coisa do passado; regressou disfarçada e envernizada na linguagem da *'doce barbárie'*, do conformismo e da indiferença aos males que rondam a terra e o nosso quotidiano.⁴

A ordem neoliberal progride nesse terreno inquestionado e ignorado; oferece inúmeras *'distrações'*, visando evitar que olhemos atentamente para dentro de nós e para o que sucede ao redor. Entontece-nos com doses alucinantes de espetáculo. Trata-nos como animais obrigados e ocupados a olhar constantemente em todos as direções, sob pena de um outro predador nos vir roubar a presa. É nesta vertigem que se consome a vida, entre a captura e a defesa da caça. Não há tempo nem sentimos fome e sede de algo mais.⁵

³ Aconselha-se a leitura de vários ensaios do filósofo Byung-Chul Han, nomeadamente *'A Sociedade do Cansaço'* (2014b), *'O Aroma do Tempo'*, *'A Agonia de Eros'* (2014a), *'Psicopolítica'* (2014c) e *'A Expulsão do Outro'* (2018).

⁴ A expressão *'doce barbárie'* é da autoria de Jean-Pierre Le Goff, filósofo e sociólogo francês.

⁵ Byung-Chul Han designa-nos como *'homem-radar'*, obrigado a olhar ininterruptamente para todos os lados, sem ter tempo para se questionar. A comparação é atinente; porém não parece incomodar-nos.

A luta pela subsistência, de todos contra todos, voltou ao centro das preocupações; é ela que perfaz o cerne da cartilha ideológica e política, predominante nesta época de involução civilizacional. O alargamento e a concretização dos sentidos e modalidades da liberdade do Ser Humano encontram-se em congelamento. Eis a caricatura de uma conjuntura em que caminhamos alegres e imperturbáveis para a força, como se outros nos levassem e não fôssemos por iniciativa própria, entoando louvores à divindade da pressa e renegando e diabolizando a da lentidão.

Passamos os dias no trânsito, com este em hora de ponta. Nem sequer gozamos aquilo que alcançamos, porquanto o gozo do resultado alcançado é abafado pela pressão de partir imediatamente para a realização de uma nova tarefa.

‘Sucessão’ do sucesso

A volúpia de reconhecimento é uma das notórias pandemias e dependências desta era. Atingimos um estado de indispensabilidade do sucesso. Não basta alcançá-lo de vez em quando, nem tampouco é tolerável perder e reservar momentos para o saborear. Ele tem que ser procurado obsessiva e incessantemente, todos os dias e a toda a hora.

Somos assim compelidos a tornarmo-nos o *‘animal efficiens’* em laboração contínua, a conceber e consumir a vida numa sucessão ininterrupta de etapas comandadas pela tomada de poções cada vez mais fortes de *‘sucessoína’*. Estamos tão viciados nela que não vemos a deformação e desagregação que provoca no plano pessoal e no panorama social. Não temos tempo para cuidar da nossa formação intelectual, espiritual e cultural, para a família, para brincar e falar com os filhos e mimar os netos; nem, muito menos, para cultivar a amizade, o convívio e os restantes rituais e obrigações da Pólis.

Existimos dentro da jaula de um mundinho mesquinho, elevado a grandeza máxima, que apouca e destrói a nossa humanidade. Os caminhos estão cheios de gente acelerada que, paradoxalmente, jamais chegará à meta desejada; fica mortalmente exaurida na correria, trazendo esta inscrição na testa: as máquinas não têm regeneração.

Apetece trazer à colação a anotação atualíssima de Fernando Pessoa (1888-1935): “Na vida de hoje, o mundo só pertence aos estúpidos, aos insensíveis e aos agitados. O direito a viver e a triunfar conquista-se hoje quase pelos mesmos processos por que se conquista o internamento num manicómio: a incapacidade de pensar, a amoralidade e a hiperexcitação...”

Obviamente, o ‘hoje’ de Pessoa é o nosso presente e será o nosso amanhã, se não lhe pusermos freios.

Regime mais totalitário de sempre

Diz-se que o mundo mudou. Todavia, o mundo não muda por si mesmo; é mudado pelas nossas opções e ações. Impõe-se, portanto, um exame axiológico dos factos, sem palas de nenhuma espécie. A verdade jamais feriu alguém; cumpre-nos ser sismógrafos da mentira, procurá-la e fugir dela. Temos direito à diversidade e ao engano das opiniões, mas não a recusar, mistificar e deturpar a factualidade. Ora, uma das maiores cegueiras da humanidade é domesticar e partidarizar a razão, fechar o olhar à maldade e repetir no presente os erros agravados do passado.

Prestemos atenção à constatação de Jacques-Bénigne Bossuet (1627-1704): “Deus ri-se dos que se queixam das consequências, mas persistem nas causas que as provocaram.” Esperar que surja um *novo normal*, sem arredar os agentes predadores da evolução civilizacional, da casa comum e convivial da Natureza e da Sociedade, é próprio de *burros trágicos*. É isto que, comprovadamente, estamos a ser; tanto que até dói.

Urge empregar as palavras ajustadas à descrição da realidade. Esta máxima obriga a afirmar que não houve até hoje, na história da humanidade, um regime tão totalitário como o do neoliberalismo atualmente vigente. Pouco escapa a este totalitarismo que reduz o viver a existência funcionalizada, a uma sobrevivência condicionada em todas as dimensões e instâncias, desprovida de estranheza e de sensibilidade a fenómenos e factos antes percebidos como incomodativos e dolorosos. A máquina entranhou-se em nós, moldou-nos e somos uma. Ela impõe o ritmo e velocidade, formata a subjetividade, o deslaçamento da sociedade, o afastamento do Ser e da Alteridade, induz a linguagem depauperada, dita o modo uniformizado de agir e calcular, empobrece a espiritualidade, o intelecto e a intimidade, embota a memória, apaga a apetência crítica, reduz e rebaixa a

capacidade de avaliação e ideação. Concomitante e conseqüentemente, cerceia a liberdade.

Não sabemos parar nas estações da contemplação, observação e reflexão, da admiração e saboreio da caminhada, da convivência e fraternidade. Suprimida a sensibilidade à dor física e psíquica, vergamo-nos à maximização do esforço, da laboração e produção, à sobrecarga da comunicação, da hiperatividade e hiperatenção, à corrida desenfreada, furiosa e raivosa para o precipício, até que o corpo e a mente rebentam. Assim se esvai e consome a vida nesta sociedade pós-imunológica, onde a violência assume foros de positividade, não suscita negatividade e se torna mais funesta do que a de outras eras, porquanto é desprovida de visibilidade e avança sem defesas imunitárias.⁶

Não obstante o estado de desolação, de esgotamento e exaustão, temos uma sensação bêbeda e eufórica de libertação ilimitada. Porquê? Por participarmos, de maneira ativa e conivente, na construção do abrangente e refinado sistema prisional. Somos nós quem coloca o cárcere nas costas e os cadeados na alma, nos olhos e na boca. Estamos bem informados de que há agências fabricantes desta trama bem urdida; porém, tomamos a propaganda como verdade garantida.

Ademais, são exaltadas as *'competências'* que habilitam a olhar difusamente para fora e o longe, e desviam de ver o dentro e o perto. O indivíduo é forçado a esquecer o olhar interior e a guiar-se pelo exterior. Nisto se dispersa e dissolve a sua identidade, acossado e tolhido por uma teia de manipulações e medos de falhar e fracassar, de se enganar na escolha das conveniências, de ser malquisto, de não sobressair, de ser marginalizado e excluído por não seguir o credo em vigor. Não revela inconformismo com a realidade; em vez de se distanciar, prefere enterrar a cabeça nela. É incapaz de rebeldia, de ousadia e criatividade; estas causam-lhe enfado. Por isso evita-as, prefere funcionar como um autômato na linha de montagem e reprodução da estupidez. Esta funcionalização não o perturba, nem o atrai qualquer convite para mergulhar no mar dos sonhos, das causas e utopias voltadas para o bem comum e público. Afunda-se no individualismo, sem pontes entre o particular e o geral, entre o local e o universal, entre o específico e o abrangente, entre o relativo e o absoluto.

⁶ Recomenda-se a leitura dos ensaios de Byung-Chul Han. Eles põem a nu verdades que ferem os olhos como punhos.

Este ‘*sujeito-radar*’ é um indivíduo foragido de si mesmo, concentradíssimo em não se permitir quaisquer desvios dos normativos estabelecidos, comandado e oprimido pelo lema tenebroso do neoliberalismo: “O medo aumenta a produtividade”; conduz ao isolamento, à desvinculação do Outro e à perda de simpatia e solidariedade (HAN, 2018).⁷

Doença da ‘competitividade’

Não há como negar esta evidência: a sociedade está grave e profundamente doente; e nós também. Para debelar a doença é necessário proceder à recuperação da ‘saúde’ das instituições incumbidas de refletir, balizar e orientar o presente e o devir social.

Examinemos as que nos são mais próximas e não tenhamos receio de formular dúvidas e perguntas. Serão humana, moral e socialmente saudáveis as instituições de educação, formação e pesquisa?

Quando falamos de ‘saúde’, as nossas palavras contemplam, em regra, os familiares, os amigos e vizinhos. Não voltamos a atenção para as instituições. Há razões ponderosas para um tal olhar.

As ‘instituições’ estruturam a sociedade e as relações humanas. São sede de criação e irradiação de princípios e valores. O seu funcionamento repercute-se na qualidade da vida social e individual, no bem ou mal-estar das pessoas.

Muitas instituições evidenciam padecimento intrínseco e extrínseco. Perderam solidez nos princípios e nas atuações. Estão-se liquefazendo e desmoronando aos pedaços, corroídas por uma demasia de práticas ilegais e imorais.

As leis e a ética tornaram-se letra morta num ambiente perverso, em que muitos são testemunhas mudas da sua frequente violação. Esta afeta diretamente mais alguns do que outros, cuidando os últimos que escapam à propagação dos efeitos perniciosos. Acabam todos por sofrer danos na saúde.

Uma das doenças é a ‘*competitividade*’, vocábulo flamejante da gíria quotidiana, usado por mentes pueris e mirradas de ideais, mas com apetites exterminadores.

⁷ Byung-Chul Han, *A Expulsão do Outro*, p. 43. Lisboa: Relógio D’Água Editores, 2018.

A perversão da teoria evolucionista de Darwin perspectiva o indivíduo humano como ser de ‘necessidade’ e não de ‘liberdade’. Consagra e idolatra a ‘competitividade’. O sujeito tem que ‘competir’, estar envolvido num permanente combate de sobrevivência com os outros, próximos e dissemelhantes. Porém o Ser Humano afirma-se na realização de coisas ‘livres’ da necessidade: arte, música, poesia, pintura, desporto, teatro, etc.

O mandamento da ‘competitividade’ impera e inferniza a vida na escola, na universidade e em todos os locais de trabalho. Do que se trata, afinal? A pretensa ênfase da competência não passa de um embrulho que esconde uma abominável agressividade, degradação e incivilidade. Intenta colocar o ardiloso verniz da normalidade cívica nas condutas de indivíduos que aceitam todo o tipo de exigências, incluindo passar a perna, rasteirar, calcar e esmagar colegas e ‘amigos’ de ofício (e até de gabinete!), para lograr satisfazer o instinto de progressão na carreira.

Afirmemos sem subterfúgios: a ‘competitividade’ é abjeta e inconcebível na escola e na universidade. Perfaz um autêntico suicídio e ‘epistemicídio’ da racionalidade. Estamos a ‘educar’ e ‘formar’ quadros com mentalidade destrutiva, para a eliminação e destruição de uns pelos outros. Não nos enganemos! Quadros, destinados a cuidar da vida (p. ex., médicos), são estimulados a adquirir inclinações para aniquilar os outros. Como alertou Albert Jacquard (1925-2013), geneticista e ensaísta francês, eis uma loucura total: ter que destruir os parceiros e ‘con-correntes’, os laços e olhares deles para ser Eu!

Além desta anómala finalidade, a ‘competitividade’ configura objetivamente um ato de conformismo e submissão: ‘formamos’ os ‘melhores’ para serem conformes ao sistema, para estudar coisas que interessam ao sistema, acuados e incapazes de imaginação, e secos de inteligência e motivação para o transformar e melhorar.

Esta guerra insana por supremacia provoca transtornos de personalidade: elimina o ‘Eros’ e o ‘Locus’ da gratificação proveniente do Outro. Em vez da autoestima e do reconhecimento genuíno e por detrás da miragem de afirmação e congratulação, medram os sentimentos da autoalienação e autoagressão de si mesmo, da depressão e do esgotamento. Edificante, como bem se vê!

Causa espanto, mas é a dura realidade: a universidade, instância altamente exemplar e simbólica para o conjunto social, sofre a enfermidade da ‘competitividade’. Acolheu-a e escancarou as portas à conflitualidade. Esta escorraçou a convivialidade e hospitalidade, e lesou as células da amizade cívica e da solidariedade. Respira-se nela o ar doentio da indiferença, das omissões e traições. As marcas da exaustão são notórias. O diagnóstico recomenda uma ecologia preocupada com a boa saúde das instituições. Sem esta perdemos a nossa: a do corpo e a da alma.

Contra o rosto façanhudo e soturno desta era brilham no átrio de entrada do Comité Olímpico de Portugal estes versos do poeta Manuel Alegre:

Mais do que ser primeiro

Herói é quem

Sabe dar-se por inteiro

E dentro de si mesmo ir mais além.

Era demencial

Vivemos numa era que parece apostada em comprovar a estupidez dos humanos, como demonstra Yuval Noah Harari nas suas aclamadas obras (*Sapiens, 2015; Homo Deus, 2016; 21 Lições para o Século 21, 2018*). Ao cabo de dez mil anos, desde o início da agricultura, durante os quais a maioria dos indivíduos tem sido usada como robôs, estamos encalhados num impasse. Parecemos completamente incapazes de orientar as nossas próprias vidas e, muito menos, a civilização. Descuramos as relações entre nós, damo-nos por satisfeitos e desistimos de pensar a felicidade como parâmetro principal de qualificação da vida. Simulamos não perceber a urgência de inaugurar outra modalidade de existir e coexistir, que consagre a primazia do lazer e do ócio criativo, em vez de persistir no desastre da delapidação e destruição.

Outrora a Terra era o parlamento de uma larga panóplia de habitantes. Não imperavam a ‘teocracia’ e a ‘antropocracia’. Com a invenção e a prevalência das religiões teístas, o planeta tornou-se palco de dois personagens determinantes da evolução do enredo: Deus e o ‘Homem’, este com poder absoluto e discricionário, delegado por Aquele.

Milhares de atores, até então aceites, foram varridos de cena. Nem sequer lhes foi dado um papel secundário no elenco de figurantes; passaram a compor um cenário à parte, disperso, mudo e condenado à extinção. O *Homo Sapiens* não partilha o palco do mundo com ninguém; é 'competitivo', mas não admite concorrência. Todavia, as suas criações e ficções ideológicas, mais a ciência e a tecnologia, vão apertando o garrote em torno do seu pescoço sobranceiro. Não viverá sem a Terra, que passaria bem sem ele. Por outras palavras, somos nós que precisamos da Natureza para sobreviver; ela estaria muito melhor sem o impacto negativo das nossas condutas arrogantes e obsessivas.

Carecemos urgentemente de abandonar o paradigma equivocado que nos desgoverna, apologista e instituidor do produtivismo exacerbado, da maximização das ações e dos rendimentos, da insana competitividade, do tempo cronometrado e funcionalizado, da imposição e proliferação das bitolas do idêntico e do uniforme, do utilitarismo desconhecedor do valor das coisas inúteis e cerceador da policromia da existência. Na verdade, este produtivismo é um embuste; faz-se passar por crescimento, mas tem mais de destrutivo e castrador do que de produtivo e aumentador.

Logo, são requeridas mentes abertas, *espíritos livres e disponíveis* para:

- Questionar eticamente as ocorrências, os sistemas económicos e políticos, os seus atores e organizações;
- Examinar, com as lentes da axiologia, a realidade e as suas contradições, teorizar a partir delas e não as meter na betesga da falsidade ideológica.

Isto devia constituir *matéria* de aprendizagem na escola e universidade. Mas...teremos docentes suficientes, lúcidos e decididos para a ensinar? Infelizmente, o reino animal, ao qual pertencemos, apresenta curiosidades que causam perplexidade. Sobejam os exemplos:

As cobras trocam de pele. Mas algumas - e não são poucas! - trocam de roupa.

As bestas mudam as ferraduras. Mas muitas mudam de calçado.

Os escorpiões injetam veneno no dorso das rãs que os transportaram. Mas a maioria deles ferra as pessoas que os ajudaram.

Alguns jegues sentem a albarda, o cabresto e a vara. Mas muitos não são sencientes; comem palha e julgam-se inteligentes.

Enfim, a via da civilização é íngreme. E a rota da barbárie jamais estará definitivamente encerrada; encontra-se aberta. Há quem a reinaugure todos os dias; e parece crescer o número dos que se sentem bem a percorrê-la.

Procura de saída: o ócio criativo

A tragédia desta hora é a de ter criado um labirinto e entrado nele, sem dispor de um fio que nos leve à porta de saída. Estamos prisioneiros de um Minotauro insaciável que nos devora de modo inclemente. E não há um Teseu que venha matar a fera e libertar-nos. Cumpre-nos imitar Hércules e Odisseu: assumir o empreendimento e navegar para Ítaca, por mais incerto que seja o rumo. Não temos mapas de marear; só a reflexão para nos orientar.

No respeitante à sociedade, a *'liquefação'* das suas estruturas e instituições está à vista de qualquer espírito acordado. E não é difícil e está feito o diagnóstico das causas dos males que as minam e destroem.

Atingimos um ponto que exige transformação radical. A tarefa não é tão descomunal como se afigura; a sua realização depende apenas de lucidez, de boa vontade e de uma renovação dos olhares sobre a Humanidade, a Sociedade e a Natureza.

'Viver' é o que fazemos, enquanto peregrinamos neste mundo. Não nos é concedida uma segunda oportunidade para efetuar essa experiência. Importa, portanto, interrogar a modalidade de realização dessa ação. Aonde nos levam o modo de vida acelerada, agitada e excitada, a competitividade e os *rankings* alienantes dos fins da Escola e da Universidade, da educação e da formação?

Nunca temos tempo para cultivar a empatia e as atenções devidas aos outros, familiares, amigos, colegas e vizinhos, nem tampouco para nós mesmos. Paremos e adotemos uma atitude metafísica. Teimemos em ser otimistas, em estar vivos, pensar, ver e mover-nos para além de nós, desejosos e esperançosos de contribuir para a melhoria do mundo, a preservação da Terra e o alargamento da liberdade de todos. Com os pés bem assentes no chão e a clara noção de quem e do quê os humanos são; para não naufragarmos nos redemoinhos da ilusão.

Demoremo-nos na contemplação, na admiração e compreensão do que está para além da asfixiante urgência das nossas tarefas. Percamo-nos na lentidão, para encontrar a via da salvação. Foi usando o burro, animal lento, que São José levou Nossa Senhora e o Menino Jesus para o Egípto; todos se salvaram.

Sim, há condições para reorganizar a atividade laboral, para diminuir os dias e as horas de trabalho sem perda de produtividade, e para dar passos decisivos em direção à forma de civilização orientada pelo 'ócio criativo', à concretização do ideal acalentado pelos pensadores na Antiguidade Grega. Dispomos de tecnologia possibilitadora da ousadia. É possível e premente que isso seja feito, que o lazer seja tão valorado como o trabalho, visando tirar a vida de canseiras, de correrias e do 'vale-de-lágrimas' em que se afunda e exaure. Usufruamos o tempo que nos é dado para viver!

Deixemos de ajoelhar diante do altar da vida apressada! Voltemo-nos para o deus da espera, da atenção, do maravilhamento, da êxtase, da exaltação, do relaxamento, da conversação, da escuta, da estesia, da gentileza, da dança, do riso, da serenidade, do ócio criativo, da boa vizinhança, do tempo usufruído sem um fim calculado, medido, quantificado e cronometrado.

Voltemos corajosa e definitivamente as costas ao deus do frenesim, da hiperatividade, agitação e excitação. Em nome dele são descurados os bens que o dinheiro não compra, somente florescentes onde se cultivam relações intensas e sadias com o entorno humano, cultural e natural, onde a disposição para a cooperação e alteridade não é esmagada pela tresloucada 'competitividade'. À busca, nunca concluída, desses valiosos e prazerosos bens podemos chamar felicidade. É ela que está a ser imolada ao omnívoro Minotauro desta era, nunca satisfeito e sempre exigente de mais vítimas.

Criemos e percorramos um novo roteiro de justificação e salvação da existência! O viver em permanente agitação não é vida. Não oferece oportunidades para usufruir os dias, as pessoas, as situações, as circunstâncias. Para ler o mundo, aferir a pulsação dos dias, admirar a claridade do céu e o brilho das estrelas, respirar o aroma dos campos e do mar, andar na Cidade, saborear a estética da conversação e dos encontros.

“Rir é viver profundamente”, disse Milan Kundera. Precisamos urgentemente de tudo quanto nos faça sorrir desabridamente neste século transformado em manicômio de gente agressiva, carrancuda, desagradável, mal-humorada, deprimida e macambúzia.

A prática do desporto e de atividades afins não constitui, por si só, medicamento para tão enraizada pandemia. Ele encerra uma magia utópica e salvífica, mas não serve para remediar tudo. Não façamos dele banha-da-cobra milagreira; para isso já dispomos da estapafúrdia ‘atividade física’. Nem o sobrecarreguemos com fardos que não consegue transportar, sob pena de o deformar. O remédio está na melhoria do contexto; é aí que bate o ponto.

Para tanto, é necessário investir na reforma ou revolução das mentalidades. Esta pode ser operada somente pela educação orientada por uma visão inspirada na metáfora da caverna de Platão e no mito de Prometeu.

O que é que torna as pessoas felizes ou infelizes, sorridentes ou acabrunhadas, direitas ou curvadas, humanas ou animalizadas? Eis uma boa questão para muitas dissertações de mestrado e doutorado. É na resposta que mora o segredo de uma civilização à frente deste tempo amargo e escuro.

Na esteira de Domenico De Masi, empenhemo-nos na vinda da alvorada e manhã de um tempo idealizado e edificado como obra ética e estética, que concretize a utopia do trabalho eminentemente intelectual e criativo. A realização de um nível superior de civilização implica que as atividades do futuro sejam cada vez mais uma amálgama de arte, ciência, cognição, criatividade, curiosidade, intelecto, etc., ligadas à saúde, ao lazer, à divinização, à elevação e fruição da vida, à descoberta dos diversos mundos do mundo, à valorização da subjetividade, a um modo superior de existir. Por conseguinte, o PIB dos países deve incluir o cômputo dos bens culturais produzidos e consumidos: música, teatro, poesia, romances, artes performativas, conferências, congressos, etc.

No concernente à escola, ele deve honrar o significado etimológico do termo (*‘scholé’*) e do conceito donde provém: Lugar de ócio e tranquilidade, de admiração do belo, elevado e nobre, da bondade e generosidade, para lá do útil e necessário. Ou seja, ela constitui espaço, oficina e tempo para:

- Descobrir e celebrar a Humanidade compartilhada, cantar e exaltar a vida;

- Cultivar a calma e a demora no conhecer e pensar;
- Tornar familiares os parâmetros e referenciais inspiradores do aperfeiçoamento da civilização e existência;
- Contemplar as ‘coisas’ divinas, superiores e virtuosas, o fulgor da verdade e da beleza no seu máximo esplendor;
- Semear e colher sonhos e ilusões, vivências e desejos de felicidade e liberdade.

Atualizemos o legado da Paideia grega. Este convida a valorizar as artes e a educação para o exercício olímpico da cidadania, fazendo assim jus à definição dos humanos como ‘seres artísticos’, aptos a corresponder ao seu estatuto mediante a ‘arte’ expressa nas emoções e reações, nas intenções e atitudes, nas palavras e nos atos, nos sentimentos e nos comportamentos.

O cidadão livre forma-se no cultivo da capacidade:

- De ideação, invenção e projeção, de criar e projetar, de entender, de indagar, de admirar, de distinguir e valorar o bem e o mal, o belo e o feio, o correto e errado;
- De se subtrair à massificação e uniformização, de fazer opções e não se submeter à multidão, à tribo e à praga das modas e opiniões em voga.

É para isto que nos foi dada a vida. E é também para isto que se vai à instituição escolar e à universitária: para que alunos e professores se tornem mais ricos de cultura e menos pobres de Humanidade. O contrário, a visão utilitarista, acarreta a corrupção e a morte da ideia da educação e formação, e da incumbência da escola e da universidade.

Utopia? Sim, é! Mas os descaminhos, que dela desviam, são de perversão e conduzem à catástrofe. Enfim, todas as ideias, antes de se realizarem, disse Sartre, são utópicas. Não tenha, caro leitor, receio de as abraçar; elas indicam-nos bons caminhos para andar!

Referencias

BENTO, J. O. Obra estimulante de uma renovação urgente. In: COTES, M.; NUNES, F. S.; MUSSI, R. F. F. **Lazer e Meio Ambiente**: pesquisa, extensão e práticas pedagógicas. Goiânia: Kelps, 2019.

HAN, Byung-Chul. **A agonia de Eros**. Lisboa: Relógio D’Água Editores, 2014a.

HAN, Byung-Chul. **A sociedade do cansaço**. Lisboa: Relógio d'Água, 2014b.

HAN, Byung-Chul. **A expulsão do Outro**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2014c.

HARARI, Y. N. **21 lições para o século 21**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HARARI, Y. N. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. Porto Alegre: L&PM, 2015.

HARARI, Y. N. **Homo Deus: uma breve história do amanhã**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SILVA, Paulo Neves da. **Citações e pensamentos: Fernando Pessoa**. Ed. Leya, Portugal, 2011.